

A Festa Que Atrai Gente Viajante: Descobrendo Os Caminhos e Descaminhos Da Reportagem¹

Brenda Carvalho de ARAÚJO²

Cassiane Luisa MEWS³

Laura Cristina de Oliveira ATAÍDES⁴

Lawrenberg Advíncula da SILVA⁵

Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT.

RESUMO

A reportagem intitulada “A festa que atrai gente viajante” foi produzida exclusivamente para a revista Nômades do Araguaia, esta produzida como Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Com uma linguagem clara, mais próxima do jornalismo literário, biográfico e humanizado, a reportagem vem dar voz e vez a personagens viajantes que são pouco evidenciados pela mídia local. Anualmente no mês de maio, esses viajantes nômades montam suas barracas nas mediações da Praça Gerônimo Machado Valadão, localizada na Rodovia Federal BR-364, palco da tradicional Festa da Santa Rita dos Impossíveis, popularmente conhecida como Festa de Maio.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Reportagem; Festa de maio; Feira; Santa Rita do Araguaia-GO.

1 Uma primeira impressão

Nas últimas décadas, o trabalho informal cresceu abundantemente nas principais metrópoles brasileiras, impactando de modo mais direto o comércio das pequenas cidades. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o trabalho informal já representa 19,5% de todas as ocupações nas principais cidades do Brasil – o maior nível em oito anos. Diante dessa situação, muitos trabalhadores desempregados, viram a oportunidade de adquirir uma renda provisória, ou fixa ante um novo modo de vida, exercendo funções como: dono de cachorro-quente da praça, fruteiro do caminhão com som

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em jornalismo informativo – Noticiário, Reportagem, Entrevista.

² Egressa do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: bca.araujo@hotmail.com.

³ Aluna líder do grupo e estudante egressa do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: cassianeluisa_14@hotmail.com.

⁴ Egressa do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: lauramissoes@gmail.com.

⁵ Orientador do trabalho. Professor Ms. do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado de Mato Grosso, e-mail: lawrenberg@gmail.com.

volante, ou, no nosso caso, o feirante que atravessa estados para a comercialização de roupas e acessórios.

Dado ao fenômeno, pode-se dizer que a modernização das relações socioeconômicas de trabalho no Brasil não conseguiu dar conta de uma demanda expressiva da população ainda iletrada e analfabeta digital, senão com dificuldades visíveis de acesso ao mercado formal. E que, ao mesmo tempo, a disseminação da informalidade em si apresenta-se enquanto frente de resistência política e cultural, quando grupos considerados subalternos reivindicam novos posicionamentos na narrativa midiática. É o que podemos constatar nos últimos 15 anos no município de Santa Rita do Araguaia-GO, localizado à margem direita do rio Araguaia, a partir de um fluxo cada vez maior de vendedores ambulantes vindos dos mais variados lugares, dos quais desafiam a concorrência do competitivo mercado têxtil da região. Todo ano no mês de maio a paisagem pacata da pequena cidade de seis mil habitantes contrasta-se com o movimento intenso de trabalhadores informais. Eles produzem uma nova dinâmica social, além, é claro, de satisfazer uma clientela eclética, constituída em sua maioria por moradores da região.

Pensando nesses vendedores e viajantes, geralmente tratados como invisíveis, a reportagem “A festa que atrai gente viajante” busca transferir o protagonismo, legitimando histórias de gente comum, por meio do que a reportagem literária possui de mais peculiar: a narrativa densa. Afinal, a ideia é resgatar o jornalismo social, caracterizado por ser mais humanizado e logo identificado nas grandes crônicas jornalísticas.

Sendo assim, o processo, desde a produção da pauta até a edição, durou cinco meses. Nela, houve imersão jornalística nos enredos, entrevistas longas e a checagem de informações via pesquisa documental e webgráfica. Tudo para garantir uma redação jornalística com uma abordagem contrafactual, isto é, além dos fatos percebidos numa primeira impressão.

A proposta de reportagem aqui diferencia-se da praticada das grandes redações, pois considera o popular matéria-prima, contesta o caráter sensacionalista, envereda por áreas recônditas da produção jornalística. Pois, como diz Ricardo Noblat (2008, p.152): “Mais valem cinco boas histórias por dia – inéditas, bem apuradas, bem escritas, inteligentemente editadas e capazes de capturar a atenção dos leitores – do que centenas de notícias reunidas às pressas e sem maiores critérios”.

2 Objetivo da reportagem

Reportar a vida que ninguém vê nas páginas dos jornais convencionais. Na contramão do jornalismo subserviente ao capital empresarial e ao interesse partidário, a nossa reportagem deslinda caminhos espinhosos, na medida em que tem como protagonista a história de quem historicamente sempre foi visto como problema.

Dar visibilidade aos comerciantes ambulantes da Festa de Maio conserva um pedigree jornalístico romântico, caracterizado pela superação de tabus e clichês, mas, acima de tudo, comprometido por uma intermediação social justa, honesta e fidedigna com a veracidade dos fatos.

A reportagem apresentada procura conduzir o leitor a uma imersão subjetiva na rotina desses vendedores, a fim de instigar discussões a respeito do assunto que é tão pouco evidenciado na mídia em geral.

3 Por que fazer reportagem com fontes não-oficiais?

Considerando a superestimação de fontes oficiais na cobertura convencional da mídia brasileira, lamentavelmente é rotineiro constatar que personagens comuns como vendedores ambulantes aparecem na tela do telejornal associado a algum crime, quando não totalmente ignorados. Soma-se a isso, o fato da quase ausência de políticas públicas mais sérias e voltadas ao mercado informal, nas quais muitos dos chamados “donos da rua” vendedores ambulantes são covardemente discriminados pela sociedade.

Reportar vidas comuns foi um desafio proposto pelo grupo sob o intuito de quebrar o pensamento hegemônico e preconceituoso tanto da mídia quanto da sociedade. Esta percepção excludente podem ser notadas em construções arquetípicas e estereotipadas de indivíduos, massacrados por sua condição social ou mesmo questões étnicas, de gênero ou religiosas. Márcia Franz Amaral (2006) diz que muitos desses personagens realmente são excluídos sociais, mas é possível posicioná-los no periódico como pessoas que têm direitos e que podem ter uma voz ativa e crítica. Mas adverte,

Os jornais são um importante meio de mostrar a sociedade como essas pessoas podem ser elevadas a condição de cidadãos [...]. É preciso tomar cuidado para que as matérias não reforcem a exclusão ou marginalização, nem culpe as pessoas pela sua miséria ou pobreza. (AMARAL, 2006, p.124)

Nesse sentido, a reportagem busca reportar o dia-a-dia de pessoas comuns, ao invés de matérias de autoridades e celebridades, direcionando-se para a vida de quem vive e estar circunstancialmente nômade na Festa de Maio, esta realizada na cidade de Santa Rita do Araguaia-GO, situada na rodovia federal BR-364 conhecida regionalmente por atrair grandes fluxos de pessoas.

Na reportagem, por exemplo, privilegia-se a história do vendedor ambulante, então fonte não-oficial para a mídia em geral, mas que direto ou indiretamente contribui na economia e cultura local. Conforme Eugênio Bucci (2008, p.30): “Ao jornalista cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, que o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um mercado, que a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem”. Sendo assim, a reportagem assume essa função social de informar o leitor de forma mais aprofundada a respeito do tema “Gente Viajante”.

Segundo Amaral (2006, p.125), “a humanização do relato jornalístico é fundamental, desde que a história seja contextualizada. O desafio dos jornalistas é tratar da condição humana e colocar as pessoas em primeiro lugar, sem desliga-las do aparato social”.

Exemplos desse tipo de jornalismo podem ser encontrados nas reportagens de Audálio Dantas (1958) “O drama da favela escrito por uma favelada” e as reportagens apresentadas por Caco Barcellos no programa Profissão Repórter (Rede Globo).

Em síntese, diante do trabalho realizado e, de toda a abrangência de fontes e pesquisa, a experiência vivenciada nos despertou a prática jornalística como uma responsabilidade social junto à comunidade, na busca incansável por informações que fossem de alguma forma contribuir a população santa-ritense e toda sua região.

4 Métodos e técnicas utilizadas na reportagem

O grupo buscou, por meio da reportagem, falar com a população da região, a fim de evidenciar e chamar maior atenção da opinião pública aos segmentos que, vez ou outra, são despercebidas pela mídia local, quando não são geralmente retratados via discursos e denominações estereotipadas.

Primeiramente, delineamos um cronograma de ações com seus respectivos objetivos, através de reuniões entre as acadêmicas e o orientador. Começamos com o

diagnóstico de publicações do gênero (Piauí, Caros Amigos), pois elas possibilitaram identificar parâmetros necessários para a criação de uma publicação inovadora e de identidade editorial forte.

Pensando nisso, as acadêmicas buscaram retratar os nômades sob um novo olhar, utilizando como meio a reportagem, já que esta possibilita ao repórter se aprofundar em determinados assuntos, mostrando detalhes, ações e sentimentos dos personagens e lugares observados. É preciso destacar ainda que, nos dias de hoje, a cada vez menos repórteres dispostos a encarar esse desafio de “entrar de cabeça” em um assunto, visto que, com a chegada da era digital, muitos repórteres optam pela divulgação rápida e fácil do acontecimento, por meio de notícias engessadas as pautas e o lead. Conforme Ricardo Kotscho (2003), se por um lado a pauta serve para organizar e planejar melhor a notícia/reportagem, por outro, levou à acomodação do repórter, que aos poucos foi se tornando uma figura passiva no processo.

Kotscho (Idem), em seu livro “A prática da reportagem”, afirma também que lugar de repórter (com pauta ou sem pauta) é na rua, pois é lá que as coisas acontecem e a vida se transforma em notícia/reportagem. E destaca que o objetivo da matéria é fazer com que leitor viaje junto com a estória; fazer com que o repórter cumpra sua função principal: colocar-se no lugar das pessoas que não podem estar lá, e contar o que viu como se estivesse escrevendo uma carta a um amigo.

Sendo assim, decidimos o nosso tema “Gente Viajante”. Mas quem seriam os nossos “amigos”? A população santa-ritense e da microrregião do Araguaia. Além de uma checagem local sobre o tema, realizamos pesquisa bibliográfica e webgráfica, visto que há a necessidade de obter o máximo de conhecimento possível sobre a história, os costumes, o comportamento, o modo de viver e as experiências pelas quais os nômades tenham passado.

Posteriormente, discutimos a pauta a fim de elaborar as perguntas; tudo sob a orientação do professor para então iniciar a produção da reportagem e colocar em prática todo o conhecimento adquirido durante as disciplinas de Técnicas de Entrevista e Reportagem, Reportagem I e II, Produção de texto, Fotojornalismo, Ética no jornalismo, Planejamento Gráfico e Design.

Na etapa de campo, cuja observação do ambiente foi de fundamental importância, imergimos no primeiro dia de Festa de Maio para observação e estabelecimento de contato com o que poderiam ser entrevistados potenciais. Durante a produção da reportagem, procuramos fazer observações e entrevistas com o mínimo de invasão do jornalista,

justamente para que os personagens contassem livremente suas histórias de vida, assim como fizemos o uso de sua própria linguagem ao longo das entrevistas pingue-pongue realizadas com os feirantes.

Para iniciar a primeira etapa da reportagem, produzida durante a Festa de Maio, o grupo organizou-se da seguinte maneira: os dois primeiros dias seriam para a observação do ambiente e dos possíveis personagens que poderiam contar boas histórias. Depois dessa observação, definimos a escolha dos personagens: um vendedor de bijuterias, enquanto o outro, de roupas.

Durante horas sentamos e conversamos com os feirantes, anotando seus sentimentos conforme iam nos contando suas vidas. No decorrer das perguntas, íamos registrando em fotografias o ambiente do entrevistado, tudo com seu consentimento.

No segundo momento, realizamos as entrevistas com os festeiros (personagens que participavam das atrações locais e da feira). Degravamos o material, selecionando as partes mais importantes para compor a reportagem. Passamos, então, as fontes oficiais, como o padre, o responsável pela organização da feira no pátio da Paróquia Santa Rita dos Impossíveis e a prefeitura de Santa Rita do Araguaia, a fim de buscar as origens da Festa de maio e como ela é organizada.

Depois, fomos até as nossas fontes não-oficiais: os personagens principais da nossa reportagem. Tivemos como referência as formas de imersão jornalística feito pelos repórteres-escritores da revista Piauí, considerada a melhor publicação do gênero em jornalismo literário no Brasil.

5 A reportagem A festa que atrai gente viajante: diário de campo

O título da reportagem “A festa que atrai gente viajante” teve inspiração na canção Festa Estranha do Legião Urbana. Desde o início houve entre os membros do grupo uma curiosidade pelo universo dos viajantes-participantes da festa de maio. Sendo assim, buscamos descobrir os motivos que levam muitas outras pessoas ao estar ou ser nômade, o que nos resultou os mais diversos motivos, desde os econômicos, profissionais, emocionais ou só por entretenimento.

Desta forma, o grupo adotou o uso da linguagem clara, sob o viés literário, conciso, e acessível a qualquer leitor para tratar desses personagens. Como podemos observar logo no início da reportagem. “Mal raia o sol entre as colinas goianas e uma multidão alegre e

criativa povoa as calçadas da praça principal da pequena cidade de Santa Rita do Araguaia, Goiás. A multidão é constituída em sua maioria por vendedores ambulantes que, anualmente montam suas barracas na festa da padroeira Santa Rita dos Impossíveis, evento popularmente conhecido como Festa de Maio”.

Conseqüentemente, passamos a estruturar o texto por meio do alinhamento dos fatos, um após o outro, de modo a fazer o leitor visualizar detalhes da situação contada, como podemos notar no trecho a seguir: “Pelo menos há dois dias antes da realização da festa de Maio, em Santa Rita do Araguaia, já é possível perceber a chegada de caravanas nômades, vendedores de roupas, calçados e todo tipo de acessório de moda. Quase todos se instalam nas mediações da praça e de suas ruas (a Avenida Valquir Vieira de Rezende, a Rua Romão Martins de Souza e a Abílio Alves), que conseqüentemente produzem novas cores e sentido à paisagem, anteriormente considerada provinciana”.

Um segundo aspecto adotado em nossa reportagem foi o uso da entrevista pingue-pongue, cujas perguntas foram elaboradas da maneira mais direta. Ao todo, foram destinadas quatro páginas para as entrevistas (32-35). Primeiramente as abrimos com uma pequena biografia do feirante, frisando aspectos observados pelo repórter. Optamos por escrever a linguagem falada do entrevistado, assim como o uso das gírias e jargões por eles utilizados. “Quando sai do curtume, fui trabalhar com vendas de refrigeração, ‘muito osso’, acho que é a pior coisa que tem para se vender hoje em dia, são balcões para supermercado, açougue esses ‘trem’...” (trecho retirado da fala de Milton Cesar Cracco p.34).



Por CASSIANE MEWS

Rubem Gonçalves Vilela, 35 anos, é natural de Goiânia, Goiás. Iniciou recentemente seu trabalho como feirante de bijuterias. Com seu Fiat Elba, ano 96, equipado de mercadorias, malas e um colchão velho, embarcou pela terceira vez para a cidade de Santa Rita do Araguaia, a fim de montar sua barraca na Festa de Maio.

Revista: Alguns fatos em sua vida acabam influenciando a escolha de sua profissão? Conte-nos um pouco.
Muito grande influência foi meu pai. Ele trabalhou muitas anos com verduras nas feiras de Goiânia-GO, plantava suas próprias verduras no horto de casa. Hoje ele produz em casa pimentas e moras e continua vendendo-as no feirão. Ele conta que desde essas experiências tomou feirantes na família. Foram esses minutos que trouxeram esse parte némea (risos).

Outro motivo é a renda, se você foi trabalhar como empregado e rendo é muito baixa, se compararmos com o que a gente almeja e dois objetivos que a gente tem para alcançar.

Revista: Você escolheu esta profissão ou ela te escolheu? Fica até difícil de responder.
Acho que se dois coisas aconteceram para isso, foi uma opção que eu fiz, e o vontade de alcançar o objetivo financeiro mais rápido, também contribuiu para isso. Foi o que culminei.

Revista: Este trabalho é sua única fonte de renda? Atualmente sim.
Tinha uma loja de bijuterias em Goiânia, mas acabei fechando porque não estava tendo uma renda tão bacana. Fechei ano passado a loja, e hoje trabalho assim, indo de cidade em cidade.

Revista: Já enfrentou algum tipo de assédio ou preconceito por causa de profissão?

Francochão tem bastante, o pessoal muitas vezes discriminam nossa profissão e dizem 'ah chegaram os barbaquinhos para produzir o comércio local'. Certo pessoal até hoje carregam esse estigma da gente.

Revista: Como decubrio o cocoto?
Por meio de um amigo meu que trabalha de maneira informal também. Uma vez ou outra lo visito-lo em sua cidade, para ver como que estavam suas vendas, e lá observando aquela saída de vida, e como nunca fui uma pessoa de ficar parado, queilo em um lugar fixo, pois me sinto agoniado. Certo dia esse amigo me convidou para conhecer Santa Rita do Araguaia. E como as vendas em meu comércio não já não estavam indo bem, comecei a trabalhar com ele, e hoje eu continuo feirante e ele parou.

Revista: Como é a recepção com os vendedores ambulantes em Santa Rita do Araguaia?
O pessoal aqui, graças a Deus, é bacana, tem vários amigos, e é uma cidade que eu gosto bastante de trabalhar, devido o respeito do pessoal e o reconhecimento das pessoas pelo nosso trabalho. E a gente também vem trazendo sempre o melhor que a gente tem, para que as pessoas economizem, já que o mercado cobra preços elevados.

Revista: Como é feita o acalho das mercadorias? Todo ano temos mercadorias, a cada 30 dias a gente tem condições de ter produto novo, ou até em menos tempo, um 15 ou 20 dias. Isso porque muita moda, modinha essas coisas assim, mas normalmente quando é lançado um produto novo nas revistas, se gasta em torno de 30 dias para ele chegar para nós, ou então, você começa a pagar das empresas das grandes centros, mas o preço é lá em cima, 'naa ruuua'.

Revista: As pessoas peshincham muito? Até que não porque os preços que eu trabalho aqui são preços limpos, não dá pra de ter muito gente que diz: 'Ah, não! Um brinquinho de dois reais você não faz por menos'. Sempre é assim, mas a gente trabalha com os preços no limite mesmo.

Revistas do ARAGUAIA | 33

Finalizada a reportagem, passamos a escolher as fotografias. No jornalismo de revista a fotografia exerce uma função precípua na disposição do texto, na maioria dos casos a linguagem dela prevalecendo em detrimento da parte textual-escrita. E no caso da nossa revista, a fotografia-capla está em formato paisagem, sangrando o canto superior esquerdo da página 28 e estendendo-se até a página 29. Ela foi produzida pela aluna Laura Cristina, após uma breve pesquisa de ângulos e trabalhos relacionados a festas religiosas. O objetivo final da fotografia é fazer uma panorâmica de todas as interações e dinâmicas envolvidas em torno da festa de maio. Como se pode constatar no layout das páginas diagramadas da reportagem abaixo, nela há: no primeiro plano há uma avenida com um garoto de bicicleta, carros enfileirados; em segundo plano, nota-se barracas aglomeradas com produtos, feirantes; e, terceiro plano, a imagem da igreja Santa Rita dos Impossíveis, então responsável pela organização da festa de maio. Cada plano representa uma simbologia, sendo que a primeira relaciona-se ao perfil sociocultural da comunidade local, a segunda ao perfil socioeconômico dos feirantes e a terceira, ao perfil religioso.



gente viajante

nômades do ARAGUAIA | 29

A Festa de Maio de ontem e de hoje...

Premovida desde o década de 60 pelo paróquia, a história da festa confunde-se com o emancipação do município goiano. Segundo José Ribeiro de Sousa, 39 anos, radialista e responsável pela organização do pátio e laço da festa há 16 anos, a "festa já aconteceu muito antes de Santa Rita de Araguaia se tornar um município."

Atualmente a Festa de Maio é dividida em dois momentos, o religioso e o social. Dos dias antes inicia a festa religiosa, que reúne pessoas da região, países de Colômbia-NIT e Colômbia-GO. Durante esses dias são realizadas missas e no encerramento, no dia 22 de maio, dia de Santa Rita dos Impossíveis, é realizada a grande procissão seguida de almoço tradicional.

Já a festa social começa assim que encerra a festa religiosa. Durante o noite são realizadas shows ao vivo com grupos da região. É o momento em que é possível encontrar na praça todas as feiras, formadas em sua maioria por gente das cidades metropolitanas de Alto Garças, Alto Araguaia, Alto Taquari, Araguaína, e Ponta Branca; além do goiano Mirassol.

Nos últimos 15 anos, o evento passou a atrair pessoas de outros estados, reunindo a

cada edição cerca de 10 mil pessoas. "A festa começou a tomar uma dimensão diferenciada, uma dimensão comercial como é hoje, com barracas e tendas mais equipadas. Diferente das barracas de palha feitas pelos próprios moradores como antigamente", comenta Ribeiro.

Por outro lado, o aumento da público na festa tradicional contrasta-se com o despreparo de sua própria organização. Segundo Rayane Carolina Mariano Coelho, 25 anos, feiteira e atualmente residente em Colômbia, o evento carece de uma melhor divulgação. "Todo o ano é assim. Poucos sabem sobre a festa. Eu venho aqui porque já a cozinha faz tempo. Sinto não saber do sua realização", diz Rayane.

Segundo o padre da Paróquia Santa Rita dos Impossíveis, Humberto do Freitas Vainco, 40 anos, um dos motivos da pouca divulgação da festa se dá devido a abrangência que a festa tomou. Sendo assim, a Paróquia se viu obrigada a terceirizar alguns dos serviços ofertados, como a venda de comidas e bebidas, já que a comunidade não dispõe de equipamentos para atender tamanha demanda. "A festa tomou uma dimensão gigantesca se compararmos com as primeiras festas realizadas. Atravé todas as

A festa que atrai gente viajante

Comidas típicas, música ao vivo e produtos dos mais variados tipos e preços, são convites a população e região para participar de mais uma tradicional Festa de Maio.

Reportagem CASSIANE MEWS | Fotos LAMIRA CRISTINA

Mal rala o sol entre as colinas goianas e uma multidão alegre e criativa percorre as calçadas da praça principal da pequena cidade de Santa Rita de Araguaia, Goiás. A multidão é constituída em sua maioria por vendedores ambulantes. E todos eles montam suas barracas para a festa da padroeira da cidade, Santa Rita dos Impossíveis, evento popularmente conhecido como Festa de Maio.

Todo ano são mais de 100 barraqueiros que viajam pelo BR-364, rodovia federal, até o destino final, o praça Guimarães Machado Veloso, onde está localizada a Paróquia de Igreja Matriz. Uns instalam-se em barracas improvisadas, outros, mais organizados, adquirem um ponto fixo.

De acordo com a Secretária Municipal de Cultura de Santa Rita de Araguaia, a Festa de Maio é considerada a segunda maior da região, só perdendo para a cidade de Trindade (conhecida como a capital da Fé), no sudeste de Goiás. E a presença de vendedores ambulantes de outras regiões movimentou a economia local, ao comercializar produtos a preços três vezes menores diante dos ofertados pelo comércio formal.

A fotografia jornalística é uma das formas de representação da realidade a partir de um recorte da mesma. Dito de outro modo, embora capte uma cena em sua essência, ela não é a realidade em si, mas um recorte dela. Entretanto, há uma linha muito fina entre o sentido real e o sentido figurado de uma imagem. Tal proposta é defendida por Roland Barthes (1990) quando

discute a linguagem denotativa e conotativa das imagens. Para Barthes, o primeiro nível, o do sentido denotativo, expressa as significações primárias, ‘naturais’ da imagem; enquanto o segundo nível, o sentido conotativo, é responsável por expressar um sentido ideológico.

6 Considerações finais

O presente trabalho possibilitou às acadêmicas ver esses personagens com outros olhos, olhos que a sociedade não havia percebido. Cada história ouvida, abordada e até conversada nos agregou conhecimento nos âmbitos profissional e pessoal. Profissional porque nos deparamos com diferentes realidades e tivemos todo o cuidado em tratar cada uma das fontes com respeito e atentando-se aos preceitos éticos do jornalismo, sem esquecer a busca incessante pela qualidade de informação. No âmbito pessoal porque rompemos com visões arquetípicas sobre o comportamento de pessoas nômades, geralmente comparadas e qualificadas como vagabundas.

Por fim, o grupo conseguiu atingir o objetivo da reportagem, a fim de mostrar ao leitor objetividade, firmeza, audácia, astúcia e sentimento no modo como fazem reportagem. Segundo Kotscho (2003, p.58), “O repórter que não for capaz de se emocionar, de chorar e se alegrar junto com os personagens de quem fala, jamais conseguirá transmitir ao leitor a realidade que encontrou”. E foi essa vivência nômade que nos possibilitou transmitir a realidade nômade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARCELLOS, Caco. **Rota 66 – A história da polícia que mata**. São Paulo: Record, 2003.

BRUM, Eliane. **O Olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

COTTA, Pery. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2003.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. São Paulo: Contexto, 2008.

REVISTA, Piauí_81. Ano 7. Edição Junho de 2013.